



## A IMPARCIALIDADE JORNALÍSTICA SOB A ÓTICA DA RETÓRICA E A PERPETUAÇÃO DO STATUS QUO FEMININO

Lieli Loures Malard <sup>1</sup>

**RESUMO:** Ao relatar as notícias sobre o caso Roger Abdelmassih, o jornal Folha de S. Paulo não traz conteúdo novo para a questão da violência de gênero, apenas repete o senso comum: as mulheres são culpadas pela violência sexual que sofrem. Mesmo admitindo a existência de um discurso jornalístico imparcial, seria apropriado considerar que a imparcialidade, em certos casos, pode significar uma tomada de posição. Este artigo irá analisar o discurso da Folha de S.Paulo apontando o uso da retórica como um meio de convencer o público.

**PALAVRAS-CHAVE:** *gênero, violência sexual, mídia, Abdelmassih.*

---

<sup>1</sup> Aluna Especial pela ECA/USP . Email: [lieli.loures@gmail.com](mailto:lieli.loures@gmail.com)

## **Apresentação**

Este artigo é parte de um projeto de pesquisa que analisa o discurso da mídia na cobertura do caso do ex-médico Roger Abdelmassih. Partindo do pressuposto de que a linguagem afeta diretamente a percepção da realidade, o projeto propõe trazer a Análise do Discurso como ferramenta para investigar a construção da imagem e identidade feminina através do noticiário. Ao que parece, os casos de violência contra o gênero feminino que figuram na mídia obedecem ao critério de contemplar apenas aqueles em que haja personagens públicas ou celebridades envolvidas. Deste modo, os casos que ganham destaque são os que oferecem imagens facilmente identificáveis, têm caráter de furo ou contam com atores ilustres protagonizando as histórias. Tal comportamento da mídia nacional pode ser visto desde os casos de Dana de Teffé e Leopoldo Heitor, Ângela Diniz e Doca Street até os casos de Eliza Samudio e Do goleiro Bruno e do médico Roger Abdelmassih.

A hipótese central a ser investigada no projeto é de que a mídia brasileira retrata os casos de violência contra a mulher como sendo questões de violência urbana, negligenciando o caráter de violência contra o gênero feminino e, assim, opera de modo a perpetuar e reforçar um estatuto social no qual a mulher é vista como propriedade masculina ou cidadão de segunda classe. Nas páginas dos jornais, ao perpetrador é dado o benefício da dúvida e contra às vítimas aparecem insinuações de que elas poderiam, de algum modo, ser co-responsáveis pela violência cometida contra si próprias.

2

## **Introdução**

O discurso da mídia se apresenta como uma isenta e imparcial retratação dos fatos, do real, entretanto quando a própria realidade não é sólida o suficiente para ser imutável, tampouco absoluta, as verdades trazidas pelos veículos de comunicação são, nada mais, que versões embebidas por valores sociais. Apesar da sua tentativa de se posicionar como isento, o discurso da mídia é retórico, como afirma o autor Michel Meyer (2007, p.20): “Da política ao direito e a suas argumentações contraditórias, do discurso literário ao da vida cotidiana, o discurso e a comunicação são indissociáveis da retórica”.

Partindo deste argumento como premissa verdadeira, o objetivo deste artigo é analisar a primeira notícia que o jornal Folha de S. Paulo publicou, divulgando o

caso do médico Roger Abdelmassih; observando o tratamento dado, esquadrinhando os fatos e os argumentos apresentados, a escolha de vocabulário e estrutura da notícia à luz da retórica e análise do discurso. Além de Meyer, a ótica dos autores Patrick Charaudeau e Teun A. Van Dijk também se fará presente. Entendendo retórica como a conjugação dos três elementos que a compõem: *lógos*, *éthos* e *páthos*, o discurso midiático será analisado sob o ponto de vista da nova retórica, que entende que para a argumentação ser completa é impossível desassociar seus elementos. A conjugação simultânea dessas três dimensões culmina na arte do convencimento, da persuasão, da manipulação.

**Éthos** – é o tipo de prova centrada no caráter/ética do orador que deve ser virtuoso para conseguir a confiança do seu auditório. Dimensão do discurso ligada à construção da imagem do orador.

**Páthos** – tipo de prova centrada no auditório emocionalmente pressionado e seduzido. Dimensão do discurso ligada à paixão e emoção.

**Lógos** – prova centrada em argumentos e discurso bem estruturado do ponto de vista lógico-argumentativo, para que a tese se imponha como verdadeira. Dimensão do discurso ligada à razão.

*Quais são os três componentes básicos que fazem com que haja retórica? É preciso um orador, um auditório ao qual ele se dirija e uma mídia por meio da qual eles se encontrem, para comunicar o que pensa e trocar pontos de vista. Essa mídia é sempre uma linguagem (...) Isso significa que o orador e o auditório negociam sua diferença, sua distância, se preferirmos, comunicando-a reciprocamente. (Meyer, 2007, p.22)*

A retórica é, portanto, a negociação das diferenças. Mas para que haja essa negociação, é preciso partir de terrenos comuns do ponto de vista do conhecimento prévio dos interlocutores, formando o que Charaudeau denomina como contrato de comunicação<sup>2</sup>. A concordância e discordância entre os sujeitos só podem se dar no

---

<sup>2</sup> Segundo Charaudeau, todo discurso se constrói entre um campo de ação, que é um lugar de trocas simbólicas organizado por relações de força (Bourdieu) e um campo de enunciação, lugar dos mecanismos de encenação da linguagem. Ao resultado dessa equação, dá-se o nome de contrato de comunicação.

campo argumentativo, na linguagem, onde o simbólico assume a dimensão do real, dando forma aos pensamentos, valores, moral e ética. Enquanto agem por intermédio da palavra, os indivíduos estabelecem seus contratos, acordos sobre as questões do mundo.

O contrato de comunicação presente no discurso do jornal é obscuro, uma vez que se traveste da ilusão de imparcialidade, dando a impressão da cobertura jornalística ser apenas um relato puro e isento dos valores que permeiam a sociedade e, portanto, que não atribui julgamento aos fatos e atores que protagonizam as histórias do cotidiano retratadas pelos veículos de comunicação. Ao leitor dos jornais é dada a impressão de que o recorte escolhido para a notícia não existiu, pois todo o processo de construção e produção que está por traz da feitura de um jornal deve ser escondido quando a notícia se apresenta<sup>3</sup>. Entretanto, em uma análise mais minuciosa dos textos jornalísticos pode-se perceber, não só a utilização da retórica na construção da notícia, mas o quanto os relatos estão em consonância com valores vigentes da sociedade. Entendendo o jornal como dispositivo de interação e os jornalistas como entidade humana, a produção da notícia pode ser entendida como lugar onde a sociedade reproduz sua ética e sua moral, onde circulam discursos que visam ao convencimento, persuasão e manipulação da audiência, com base em construtos sociais previamente estabelecidos.

4

Ao anunciar que o médico Roger Abdelmassih estava sendo processado por abusar sexualmente de suas pacientes, o jornal Folha de S. Paulo reflete em seu relato vários preconceitos que a sociedade brasileira sustenta contra a mulher. Para proferir seu discurso, o jornal tem legitimidade e credibilidade<sup>4</sup>, elementos que corroboram para adesão do ponto de vista dado pela Folha. Não se trata de um jogo estabelecido onde o jornal tenta a todo custo manipular o leitor, mas sim, da repetição inconsciente do discurso machista que a mídia perpetua. O que pode suscitar a questão: se a sociedade brasileira estivesse obstinada a combater o machismo e tratar as questões de violência de gênero de modo mais sério, a mídia mudaria seu discurso?

### **Análise da Notícia**

Por hora, este artigo se propõe apenas a verificar a presença do *lógos*, *éthos* e *páthos* na construção da notícia que tornou público os atos de violência sexual

<sup>3</sup> Mauro Wolf, Teorias das Comunicações de Massa - editora Martins Fontes; São Paulo, 2008.

<sup>4</sup> Patrick Charaudeau, 2006.

cometidos pelo médico contra suas pacientes; mostrando que a apresentação dos fatos não se faz de forma isenta, mas se vale da retórica cujo objetivo, segundo Perelman (2004, p.207), é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao consentimento. Ao fazer isso, alguém age, visando obter o acordo do auditório”.

No lead da notícia, Roger Abdelmassih é apresentado através de suas melhores credenciais: médico renomado, mais procurado pela elite nacional para fertilização in vitro, enquanto as vítimas são mulheres entre 30 e 40 anos, casadas, bem-sucedidas profissionalmente e que não aceitam revelar suas identidades. Tomando a definição de *éthos* onde Charaudeau (2006, p.86) afirma que não existe ato de linguagem que não passe pela construção de uma imagem de si. O *ethos* é como um espelho onde se refletem os desejos dos outros.

Colando tal afirmação ao discurso da Folha de S.Paulo, é possível dizer que enquanto constrói a notícia, o jornal corrobora para a perpetuação de valores pré definidos; pois não se pode ignorar o que representa a figura de um médico no imaginário social. Também é preciso lembrar que a construção da imagem feminina faz parte de um ideário que por gerações privilegiou o homem em detrimento a mulher, subjugou sua capacidade intelectual e suspendeu seus direitos, inclusive os básicos como a decisão sobre o próprio corpo e escolha de parceiros<sup>5</sup>. Portanto, se o jornal não constrói efetivamente uma imagem feminina, contribui para consolidar e perpetuar o imaginário social a respeito desta questão em suas páginas. Analisemos qual seria essa imagem.

Em 09 de janeiro de 2009, o caderno Cotidiano, traz dentre outras, a seguinte manchete: *Medico é investigado por supostos crimes sexuais*. O título já contém o tom da matéria, que ao usar as palavras *investigado* e *supostos*, reforça a dúvida em relação a denuncia. No segundo parágrafo, temos a palavra *acusadoras*, para se referir às vítimas.

A reportagem é composta por 32 parágrafos, 152 linhas, 1.212 palavras e 7.296 toques. No corpo do texto, a palavra vítima é usada cinco vezes. Duas em aspas dos

---

<sup>5</sup> O direito ao aborto ainda é uma polêmica que está longe do fim. Em vários países nem o estupro dá direito á mulher de interromper a gravidez. O casamento forçado continua sendo uma realidade para milhares de jovens. Pela primeira vez na história, na corte inglesa, se discute a criminalização deste costume.

promotores, uma em aspas de Abdelmassih. Em outras duas vezes em que o jornal usa a palavra vítima para se referir às mulheres atacadas, usa da seguinte forma: *supostas vítimas* e *ex-paciente que acredita ter sido vítima*. O jornal usa a estratégia de desqualificação do adversário<sup>6</sup>, pois a escolha da termo *acusadoras* no lugar de *vítimas* atribui desconfiança e dúvida às mulheres e seus relatos, abrindo margem para questionamentos sobre a veracidade de suas histórias e intenções. O *éthos* das vítimas sofre descrédito. Esse tipo de postura social é bastante comum em casos de mulheres violentadas, elas frequentemente são responsabilizadas pelos ataques que sofrem<sup>7</sup>, há uma inversão de papéis e o agressor assume o lugar de vítima<sup>8</sup>.

O texto continua e, apesar do promotor afirmar à repórter que há indícios contundentes contra Abdelmassih, suficientes para denunciá-lo, ela acrescenta:

*“O Ministério Público não tem prova material contra o médico, apenas relatos”.*

Esses relatos, assim como os acontecimentos que circundam todo o caso são construções da dimensão do *lógos*, o jornal apresenta dados, fatos, falas dos personagens envolvidos de forma a construir um discurso não só racional, mas verdadeiro. Mas curiosamente, quando fala, o jornal traz escolhas que deixam transparecer seus valores. Por exemplo, quando explica a investigação, o texto diz:

*“O crime investigado é ato violento ao pudor (ato libidinoso diferente de estupro)...”*

O contexto e a estrutura da frase esconde suas intenções nas entrelinhas, e por que não dizer, induz a conclusão que o leitor deve chegar: não houve estupro. É interessante observar que a repórter faz a distinção entre um e outro, mas não explica o que é ato libidinoso e tampouco que ato libidinoso<sup>9</sup> pode conter conjunção carnal, que é

---

<sup>6</sup> Estratégia de desqualificação é um artifício retórico muito comum cuja abrangência é tratada nas obras de Patrick Charaudeau e Teun A. Van Dijk.

<sup>7</sup> Em 2004, a Amnesty International publicou o relatório “Lifes blown apart: crimes against women in times of conflict” que fazia o levantamento da violência sexual cometida contra mulheres de todas as idades em tempos de guerra, em diversos países da Europa e África. Dentre os relatos, principalmente das africanas, mulheres contam sobre o preconceito que sofreram por serem vítimas de estupro. A grande maioria foi abandonada pelos maridos ou família. As mulheres estupradas eram vistas em suas vilas como responsável pela violência sofrida. Estigmatizadas, muitas se prostituíram para sobreviver e outras foram obrigadas abandonaram suas casas e vilarejos sob ameaça de morte.

<sup>8</sup> Dos casos mais emblemáticos dessa inversão é o de Ângela Diniz, quando, no fim da década de 1970, o advogado de defesa Evandro Lins e Silva sustenta a tese de legítima defesa da honra, inocentando o assassino Doca Street, que anos mais tarde seria condenado.

<sup>9</sup> Ato libidinoso é todo ato de satisfação da libido, isto é, de satisfação do desejo ou apetite sexual e não

o termo judicial que define coito sexual. O coito sexual sem consentimento é definido como estupro. Embora a diferenciação entre estupro e ato libidinoso presente na reportagem não seja satisfatória, pois apenas permeia bastante superficialmente a questão, sua presença deixa clara a intenção de estabelecer a diferença para o leitor. O mesmo não acontece com as questões jurídicas do processo, pois poderia interessar ao leitor saber a diferença entre ser investigado e indiciado, por exemplo. Tecnicamente, qualquer a investigação é sobre uma hipótese que foi considerada factível e, portanto, merece apuração. O texto reforça a dúvida sobre a veracidade da hipótese quando reafirma que Abdelmassih está sendo investigado por supostos crimes. Esse jogo de palavras e a escolha do vocabulário respondem a uma construção de sentidos previamente estabelecida no imaginário social, correspondendo ao que o autor Van Dijk define como script do jornal<sup>10</sup>. Desse modo, ainda que o jornal tenha legitimidade e credibilidade para produzir uma reportagem isenta, guiada pelo *lógos*, ou seja, por fatos e dados concretos, a escolha de vocabulário e a estrutura do texto não superam o *status quo* feminino arraigado no senso comum.

Há na reportagem dois *boxes* com os seguintes subtítulos: *Denúncia Rejeitada* e *Anonimato*, não haveria outra forma de enquadrar, sobretudo, a escolha das vítimas de proteger suas identidades quando o que está em jogo é a exposição de suas vidas íntimas na reivindicação de justiça?

O *pathos* é verificado nos relatos tanto do ex-médico quanto das vítimas. São depoimentos dramáticos e emocionados. Apesar das histórias contadas pelas mulheres trazerem dados mais impactantes, quando o jornal reproduz suas falas, a construção de suas frases ou o contexto de suas histórias são sempre envoltos por incertezas. Isso ocorre pela escolha dos verbos dicendis<sup>11</sup> e auxiliares. Um exemplo é o depoimento de

---

consta por si só no código penal brasileiro. São atos libidinosos mais comuns a conjunção carnal, o coito anal, a prática de sexo oral, a masturbação e o beijo lascivo. Não só estes, mas todo e qualquer ato humano realizado com o fim de satisfazer ao desejo sexual, realizado isoladamente ou em relação à outra pessoa. Apalpar ou abraçar, lamber ou simplesmente tocar partes do corpo humano podem ser atos libidinosos. Também desnudar ou despir alguém. Realizar aquelas ações com objetos que imitem ou não o corpo ou partes do corpo humano, igualmente, pode constituir ato libidinoso.

<sup>10</sup> Em sua obra, Van Dijk defende que a imprensa trabalha com a noção de script, seguindo um roteiro que irá nortear o entendimento da notícia. Esse script é uma espécie de moldura sócio-cognitiva que preside a confecção e leitura dos textos. Está ligado ao conhecimento prévio que o leitor tem do mundo, ao contexto social onde se formam as generalizações e reducionismos que conformam o senso comum.

<sup>11</sup> Verbos dicendi ou declarativos são aqueles usados para introduzir ou finalizar falas dos personagens na notícia e em textos literários.



uma ex-paciente que *acredita ter sido vítimas de violência sexual enquanto estava sedada em 1999*. Não é difícil imaginar um advogado de defesa usando essa frase para questionar a veracidade da acusação, pois alguém sedado já teria dificuldades de distinguir a realidade. Aqui, temos ainda o agravante do fato ter ocorrido dez anos atrás. Outra mulher, que no texto é apresentada como Cláudia, conta que foi atacada pelo médico em 2003, o jornal reconta seu depoimento da seguinte forma:

*“Cláudia afirma ter entrado em depressão. ‘Eu carregava cinco embriões em meu útero, não poderia abandonar a chance de ser mãe, mas não queria voltar. Fiquei pensando se tinha culpa, se tinha dado alguma abertura a ele’”.*

A frase *Cláudia afirma ter entrado em depressão* poderia ter sido escrita de outra maneira, por exemplo: *Cláudia entrou em depressão*. Isso é um indício de que a jornalista não trata as afirmações das mulheres como verdadeiras. Aqui fica claro que o uso freqüente de verbos auxiliares na construção dos depoimentos das mulheres é uma escolha e põem em dúvida os relatos.

No caso de Bruna, a descrição é a seguinte:

*“ ‘À medida que despertava, me vi sentada na maca, escorada pelo médico, que me dizia para continuar beijando-o na boca’ (...) Bruna afirma que, ao recobrar a consciência, viu Abdelmassih com a braguilha da calça aberta, usando a mão dela para se masturbar (...) Bruna afirma que não levou o caso à polícia por temer eventual retaliação de Abdelmassih”.*

8

Uma alternativa para esta construção poderia ser: *Quando Bruna recobrou a consciência, viu Abdelmassih com a braguilha da calça aberta, usando a mão dela para se masturbar. Por medo de retaliação, Bruna não conseguiu denunciá-lo.*

Quando aparecem os depoimentos de Abdelmassih, seus relatos são apresentados de maneira direta, sem verbos auxiliares:

*“À Folha, Abdelmassih repudiou as acusações e disse ver ação orquestrada por concorrentes. ‘Não sou louco... Tenho 20 mil pacientes que se submeteram à fertilização in vitro, são 7.500 crianças nascidas... Vou levar um caminhão de testemunhas,’ afirma o médico”.*

Em resposta ao caso da paciente Bruna, já no último parágrafo da reportagem, o texto é encerrado com a seguinte fala:



*“Abdelmassih também não comentou esse caso por não conhecer a identidade da acusadora. ‘Como vou saber se de fato é uma ex-paciente?’”*

### **Conclusão**

A posição que o jornal toma diante do fato fica bastante claro ao final da reportagem. De outro modo, o texto poderia terminar com dados do processo, com a fala dos promotores ou ainda, com aspas de uma das vítimas. A pergunta de Abdelmassih<sup>12</sup> é a pergunta que o jornal quer que o leitor se faça. O benefício da dúvida assegurado a Abdelmassih pela lei (todos são inocentes até que se prove o contrário) é usado pelo jornal. Porém, a notícia favorece a construção pejorativa da imagem das mulheres, que são tratadas como “acusadoras” e nunca como vítimas pelo jornal. O texto jornalístico que se pretende imparcial não sustenta tal quesito. A Folha de S.Paulo atribui valor aos fatos, dados e ideias articulados na reportagem. Essa construção retórica reflete o crônico discurso machista da elite brasileira.

### **Bibliografia**

- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. Tradução Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz - São Paulo: Contexto, 2006
- CHRISTOFOLETTI, Lilian, (09 Jan. 2009), “Médico é investigado por supostos crimes sexuais”, Folha de São Paulo, Cotidiano, Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u488123.shtml>. Acesso em 29 Jun. 2011.
- DIJK, Teun A. Van. *Discurso e Poder*. Tradução Judith Hoffnagel, Karina Falcone, organização – São Paulo: Contexto, 2008
- MEYER, Michel. *A Retórica*. Revisão técnica Lineide Salvador Mosca – São Paulo: Ática, 2007.
- PERELMAN, Chaim. *Retóricas*. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão - São Paulo: Martins Fontes, 2004
- WOLF, Mauro. *Teoria das comunicações de massa*. Tradução Karina Jannini – São Paulo: Martin Fontes, 2008

---

<sup>12</sup> Em novembro de 2010, Abdelmassih foi julgado e condenado a 278 anos de prisão. Ao todo foram 56 acusações formais. Ele perdeu sua licença médica e está foragido desde o julgamento.